



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AQUISIÇÃO**  
**DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA**

**LARYSSA TATYANE DA SILVA FARIAS**

**INTERAÇÃO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS QUILOMBOLAS NO PERCURSO**  
**DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

**GUARABIRA/PB**

**2024**

LARYSSA TATYANE DA SILVA FARIAS

**INTERAÇÃO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS QUILOMBOLAS NO PERCURSO  
DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Aquisição da Linguagem Oral e Escrita da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Aquisição da Linguagem.

**Área de concentração: Linguística**

**Orientador: Prof<sup>a</sup> Dra. Marilene Gomes de Sousa Lima**

**GUARABIRA - PB**

**2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224i Farias, Laryssa Tatyane da Silva.

Interação entre adultos e crianças quilombolas no percurso da aquisição da linguagem [manuscrito] : uma revisão de literatura / Laryssa Tatyane da Silva Farias. - 2024.

38 p.

Digitado. Monografia (Especialização em Aquisição da Linguagem Oral e Escrita) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Marilene Gomes de Sousa Lima, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Aquisição da linguagem. 2. Crianças quilombolas. 3. Socialização. 4. Socialização da linguagem. I. Título

21. ed. CDD 401.93

LARYSSA TATYANE DA SILVA FARIAS

INTERAÇÃO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS QUILOMBOLAS NO PERCURSO DA  
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Aquisição da Linguagem Oral e Escrita da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Aquisição da Linguagem.

**Área de concentração: Linguística**

Aprovada em: 11/ 10/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
**MARILENE GOMES DE SOUSA LIMA**  
Data: 11/10/2024 19:01:37-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Dra. Marilene Gomes de Sousa Lima (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFPG)

Documento assinado digitalmente  
**FRANCISCO EBSON GOMES SOUSA**  
Data: 12/10/2024 14:05:23-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Me. Francisco Ebson Gomes Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFERSA)

Documento assinado digitalmente  
**OLAVO BARRETO DE SOUZA**  
Data: 12/10/2024 07:52:59-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela educação, prioridade e preocupação, DEDICO.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 01 - Detalhamento dos artigos quanto às áreas do conhecimento.....</b>	<b>22</b>
<b>GRÁFICO 02 - Detalhamento dos artigos quanto aos sujeitos de pesquisa dos artigos recuperados.....</b>	<b>26</b>
<b>GRÁFICO 03 - Campo de pesquisa.....</b>	<b>27</b>
<b>GRÁFICO 04 - Detalhamento dos artigos quanto aos locais de pesquisa.....</b>	<b>28</b>

## **LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO 01 - Detalhamento dos artigos e codificação.....</b>	<b>20</b>
<b>QUADRO 02 - Detalhamento das metodologias, técnicas e instrumentos de pesquisa dos artigos recuperados.....</b>	<b>23</b>
<b>QUADRO 03 - Gêneros discursivos presentes nas pesquisas.....</b>	<b>33</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
2.1. Socialização da linguagem.....	13
2.2. Reflexões sobre o processo de aquisição da linguagem: aquisição dialógico-discursiva da linguagem como lente teórica para analisar interações entre e com crianças.....	15
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	19
3.1. O método e as estratégias de pesquisa.....	19
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	23
4.1. Aspectos teórico-metodológicos do <i>corpus</i> .....	23
4.2. Análise sobre as recorrências dos gêneros discursivos presentes nas interações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares em contextos formais e não formais.....	29
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	36

## INTERAÇÃO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS QUILOMBOLAS NO PERCURSO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA

### RESUMO

A aquisição da linguagem é uma área multifacetada, e entre as pesquisas que se debruçam sobre a fala da criança, estão as de vertente dialógico-discursiva. No entanto, ainda há uma lacuna na literatura científica no âmbito dessas pesquisas, a saber, há poucas investigações sobre a socialização da linguagem e a interação de crianças quilombolas do Brasil. *O objetivo deste trabalho é mapear e sintetizar os estudos sobre essa socialização da linguagem de crianças quilombolas, observando padrões, lacunas e direcionamentos para futuras pesquisas.* Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo revisão de literatura. Pautamo-nos nos estudos de Ochs e Schieffelin (2011), que discutem a socialização da linguagem no âmbito do papel da linguagem e outros sistemas semióticos na reprodução e inovação cotidiana da ordem social e do conhecimento cultural, assim como em Del Ré (2021), considerando a heterogeneidade constitutiva da interação discursiva ao se analisar a fala da criança. Nesta etapa, a literatura tem orientado o entendimento de que a socialização da linguagem – por meio dos gêneros discursivos – em crianças quilombolas perpassam os valores sociais de cada Quilombo assim como intercruzamento com outros espaços de interação que essas crianças participam. Os resultados obtidos pela revisão da literatura contribuem com um mapeamento das pesquisas que abarcam aquisição de linguagem na perspectiva de que a criança entra na língua por meio de gêneros discursivos que estão em circulação nos meios sociais dos quais ela participa, apresentando uma síntese das perspectivas teórico-metodológicas elencadas nos estudos recuperados na busca, principais contribuições e lacunas sobre essa temática. Também pode-se ter que as pesquisas foram feitas no estado do Pará devido ao grande número de quilombolas vivenciando em territórios quilombolas. A socialização das crianças com seus pares diz respeito às brincadeiras fazendo com que elas possam vivenciar a cultura de sua comunidade.

**Palavras-Chave:** socialização; crianças quilombolas; aquisição de linguagem.

# **INTERACTION BETWEEN ADULTS AND CHILDREN QUILOMBOLAS IN THE COURSE OF LANGUAGE ACQUISITION: A REVIEW OF THE LITERATURE**

## **ABSTRACT**

Language acquisition is a multifaceted area. Among the researches that focus on the speech of the child, there are those of dialogic-discursive. However, there is still a gap in the scientific literature within these studies, namely, there are few investigations on the socialization of language and interaction of quilombola children from Brazil. The objective is to map and synthesize the studies on this socialization of the language of quilombola children observing patterns, gaps and directions for future research. This is a qualitative research of the literature review type. We are guided by the studies of Ochs and Schieffelin (2011) that discuss the socialization of language in the context of the role of language and other semiotic systems in the reproduction and daily innovation of social order and cultural knowledge, as well as in Del Ré (2021), considering the constitutive heterogeneity of the discursive interaction when analyzing the speech of the child. At this stage, the literature has guided the understanding that the socialization of language - through discursive genres - in quilombola children passes through the social values of each quilombo as well as intercrossing with other spaces of interaction that these children participate. The results obtained by literature review contribute to a mapping of research that includes language acquisition in the perspective that the child enters the language through discursive genres that are circulating in social media in which the child participates, presenting a synthesis of the theoretical and methodological perspectives listed in the studies recovered in the search, main contributions and gaps on this theme. It may also be that the surveys were conducted in the state of Pará due to the large number of quilombolas living in quilombola territories. The socialization of children with their peers concerns the games making them experience the culture of their community.

**Keywords:** socialization; quilombolas children; language acquisition

## 1 INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem é uma área multifacetada, e entre as pesquisas que se debruçam sobre a fala da criança estão as de vertente dialógico-discursiva. Os estudos nesta seara contribuem para o avanço desse campo, como Alessandra Del Ré, e Orvig (2018), que discorrem sobre o dialogismo através da aquisição da linguagem. No entanto, ainda há uma lacuna na literatura científica no âmbito dessas pesquisas, uma vez que há poucas investigações sobre a socialização da linguagem e a interação de crianças quilombolas do Brasil que discutem a aquisição da linguagem a partir das reflexões pontuadas por Bakhtin (2016).

De acordo com Assenço, Carvalho e Domingos (2022), os quilombolas são "uma dentre as populações tradicionais do Brasil, e consistem em um grupo étnico e minoritário na população negra brasileira, frequentemente residindo em áreas rurais, e distantes dos grandes centros urbanos" (2021, p. 02). Nesse sentido, os quilombos não eram definidos por grupos, e sim por dois ou três negros fugidos, pois Domingues e Gomes (2013) discorrem que o quilombo era, portanto, uma definição bem flexível em termos das experiências históricas. Os intelectuais e historiadores definiam os quilombos em uma visão culturalista, pensando nos quilombos como resistência social. O quilombo, na atualidade, significa para o povo um direito a ser reconhecido e não um passado a ser lembrado.

A própria existência de Quilombo pode ser considerada revolta. A escravidão foi representada entre quilombos e mocambos que faziam grupos furtivos pelo Brasil. O termo quilombo remete à gente de vários grupos étnicos desenraizados, mas, em contrapartida, havia uma elite constituída em torno dos líderes com muitos privilégios. O quilombo chegou ao Brasil por volta dos anos 30/40 e retornou à cena política por volta dos anos 70. Atualmente, permeia uma importante questão na luta política dos afrodescendentes. Nessa visão, Ney Lopes afirma que "quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos" (1987, p. 27-28). Para Reis (1996), quilombo derivaria de *Kilombo*, uma sociedade iniciática de jovens guerreiros *Mbundu* adotada pelos invasores *jaga* (ou *imbangala*), estes formados por gente de vários grupos étnicos desenraizados de suas comunidades.

Na década de 40 do século XX, o Conselho Ultramarino para resguardar a identidade dos quilombos deu a seguinte definição: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões

nele" (Schmitt; Turatti, e Carvalho, 2002, p. 02). Temos autores como Artur Ramos (1953) e Edson Carneiro (1957), que discorreram que os quilombos são associados a um tempo passado, o da escravidão no Brasil, além de caracterizarem exclusivamente como expressão da negação do sistema escravista, aparecendo como espaços de resistência e de isolamento da população negra.

Dentre as características culturais dos povos quilombolas destaca-se a questão da linguagem e de sua socialização. Foi através da sua língua, dos seus corpos e suas vozes silenciadas que negros quilombolas elevavam suas existências através da necessidade de ressignificar a sua história. Paiva, Santos e Costa citavam que: "a língua possui essa variação que caracteriza o segredo das palavras, tornando-a compreensível somente àquele que fala, sem contar com a influência dos regionalismos que tornou a língua ainda mais difícil de ser compreendida" (Paiva; Santos e Costa, 2021, p. 08). Nos tempos em que os negros eram subalternizados e inferiorizados, a língua deles era estranha àqueles brancos, ricos que possuíam a fala. Então, a língua dos negros, que era utilizada como símbolo de sobrevivência, acabava não sendo compreendida por esses detentores de poder, poucos dominavam a língua e isso fazia com que fosse uma concepção descolonizante da língua. Ou seja, a língua era um instrumento de enfrentamento eurocêntrico de concepções linguísticas hierarquizantes.

Sob tal visão, para Ochs (2011) a socialização da linguagem é o estudo que examina como as crianças e outros novatos apreendem e representam o 'contexto da situação' em relação ao "contexto da cultura". Há uma inevitável relação entre linguagem e cultura e, por isso, entender como a linguagem nos constitui como sujeitos é fundamental para a compreensão do funcionamento da linguagem, observando "[...] a linguagem da criança não por um viés biológico e/ou psicológico, mas, principalmente, a partir da relação da linguagem da criança com os aspectos socioculturais e ideológicos que influenciam suas escolhas linguístico-discursivas" (Del Ré, 2014, p. 17). Então, entender o funcionamento linguageiro a partir das relações entre os sujeitos, em determinados contextos dialógico-discursivos.

A interação entre a criança e o outro é importante para o desenvolvimento da linguagem. Os jogos lúdicos, por exemplo, são importantes no processo de aquisição da linguagem, destacando-se a importância da interação. "Há fenômenos muito particulares ao longo do processo em cada criança, advindos de experiências sociais, culturais, ideológicas, linguísticas, etc. com as quais a criança tem contato ao longo de seu desenvolvimento." (*Ibid.*, 2021, p.19). Em meio a essas questões de experiências, deve-se perceber que a criança tem

voz e é constituída na e pela linguagem e sempre em relação com outros sujeitos, outros discursos, outras culturas.

É afirmado que para o processo de aquisição da linguagem não importa, a língua que seja, a criança deve estar inserida em um contexto, em socialização, fazendo assim com que adquira seus hábitos e desenvolva suas próprias relações de interação empírica. Nesse sentido, as crianças estão mergulhadas em diferentes modos de linguagens, conforme Del Ré e Orvig (2018).

Baseado em um estudo feito por Domingos, Asseço e Carvalho (2022), cujo objetivo foi verificar a memória de curto prazo verbal, uma vez que ela mantém relação direta com a aquisição e a compreensão da linguagem – estudo usado para discutir a linguagem quilombola. Sendo assim, a maioria dos pré-escolares manteve desempenho abaixo do esperado na tarefa de repetição de não palavras. Santana (2018) aborda que a identidade das crianças, em seus estudos, está sendo tecida e construída através das interações com os movimentos quilombolas, já que as crianças representam 25% da população da comunidade em questão em que foi realizado o referido estudo.

Diante da comunidade quilombola cheia de eventos festivos, as crianças eram naturalmente vistas brincando participando efetivamente das festas e dos eventos religiosos. Sob essa perspectiva, Peres (2018) propõe analisar a criança como um ser social que constitui ações simbólicas, quer seja pela linguagem em suas diversas manifestações, quer seja pelos gestos, e isto envolve as brincadeiras. Embora esses estudos apresentem contribuições importantes para a ciência, há lacunas sobre a linguagem da criança quilombola no Brasil.

*A construção da identidade pessoal não pode ser entendida se não a colocarmos no campo da socialização, assim, socialização é o processo pelo qual se realiza a interiorização, a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido.* Logo, socialização da linguagem atravessa a vida inteira do ser humano, até mesmo a partir da infância, e nada mais é do que o processo criativo em que a criança se reinventa e reproduz a partir de sua cultura; vivendo as suas infâncias, relações, linguagens e práticas cotidianas que elas conhecem o mundo e a si mesmas.

É neste sentido que apresentamos nossos questionamentos de pesquisa: Como a literatura sobre socialização da linguagem em crianças quilombolas se desenvolveu ao longo do tempo? Como seu corpo de conhecimento está organizado atualmente? Quais são os caminhos para o futuro da pesquisa de socialização da linguagem de crianças quilombolas no percurso da aquisição da linguagem?

A partir de tais questionamentos, traçamos como *objetivo geral mapear e sintetizar os estudos sobre essa socialização da linguagem de crianças quilombolas, observando padrões, lacunas e direcionamentos para futuras pesquisas*. Como objetivos específicos elencamos 1. Descrever os artigos recuperados quanto aos aspectos teórico-metodológicos; 2. Analisar as recorrências dos gêneros discursivos presentes nas interações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares em contextos formais e não formais. Para respondermos a esses objetivos, realizamos uma revisão sistemática de literatura.

O tema se mostra como relevante porque se trata de povos de diferentes culturas em meio a nossa sociedade, e quando falamos de linguagem, ela nos constitui como sujeitos. Essa pesquisa pode contribuir para futuros trabalhos porque há poucos estudos em aquisição da linguagem de crianças quilombolas no Brasil, e segundo Campos e Gullinari (2017), temos escolas quilombolas desde a década de 80, que se mantiveram firmes com muita mobilização visando o fortalecimento e reconstrução das escolas para atender a essas comunidades. Diante de estudiosos da história, menciona-se que os quilombos existem desde o início de 1500 e contribuem com a formação histórica e cultural do Brasil, é justo que seus modos de socialização sejam conhecidos e valorizados.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: Introdução com intuito de mencionar, de maneira breve, do que se trata esta pesquisa, elencando a questão-problema; nossos objetivos e fundamentação teórica e metodologia. Nossa próxima seção é o referencial teórico, em que trataremos sobre a socialização da linguagem, reflexões sobre o processo de aquisição da linguagem: aquisição dialógico-discursiva da linguagem como lente teórica para analisar interações entre e com crianças, enunciado do ponto de vista bakhtiniano e a criança como sujeito ativo. Nossa seção de número três é sobre a metodologia, em que no ponto 3.1 vamos abordar sobre o método, as estratégias de pesquisa; no ponto 4 trazemos a análise e discussão dos dados apresentando o *corpus* e, por fim, no ponto 5 breves considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como já foi mencionado, temos como objetivo geral mapear e sintetizar os estudos sobre essa socialização da linguagem de crianças quilombolas, observando padrões, lacunas e direcionamentos para futuras pesquisas. Organizamos nossas discussões a partir dos temas teóricos da Socialização da Linguagem e da interação discursiva. Desse modo, esta seção de referencial teórico está organizada da seguinte maneira: 2.1 irá tratar sobre a socialização da linguagem, já no 2.2 discorreremos sobre as reflexões sobre o processo de aquisição da linguagem: aquisição dialógico-discursiva da linguagem como lente teórica para analisar interações entre e com crianças.

### 2.1 Socialização da linguagem

A socialização da linguagem surgiu a partir de uma discussão antropológica "de que a linguagem é um meio fundamental no desenvolvimento de conhecimentos e sensibilidades sociais e culturais das crianças" (Ochs; Schieffelin, 1979, p. 01), sendo este um ponto em que a aquisição da linguagem não consegue alcançar, pois é um meio fundamental no desenvolvimento de conhecimentos e sensibilidades sociais. O estudo da socialização da linguagem aborda o discurso e os métodos etnográficos "para capturar as estruturas sociais e as interpretações culturais das formas, práticas e ideologias semióticas que informam os compromissos práticos dos novatos com os outros." (*Ibid.*, p. 01). Diante dos estudos da aquisição de linguagem, estes novatos podem ser considerados mãe-filho ou parceiros comunicativos adultos e infantis.

Nessa visão, o estudo da socialização da linguagem surge com o intuito de aprofundar as questões que não eram abordadas pelos estudos de Aquisição da Linguagem até a década de 80, dado que da década de 90 à contemporaneidade muitas lentes teóricas adotadas por pesquisadores da Aquisição da Linguagem começaram a incorporar os aspectos culturais presentes no processo de aquisição. Por meio de métodos da Antropologia, a lacuna nos estudos de crianças entre as comunidades, ou mais especificamente a falta de atenção ao papel da linguagem como parte essencial de como as crianças se desenvolvem e se tornam cidadãos de comunidades.

De origem antropológica, socialização da linguagem aparece como uma opção teórica a ser destacada no desenvolvimento de conhecimentos e sensibilidades sociais e culturais das crianças. *Os sujeitos envolvidos* no processo de Socialização da Linguagem são *capazes* de

capturar as estruturas sociais e as interpretações culturais das formas, permitindo que possa alcançar famílias, escolas, laboratórios científicos, instituições religiosas, esportes, jogos, uso da mídia, esforços artísticos, encontros médicos, treinamento jurídico, esforços políticos e locais de trabalho, entre outros ambientes.

Com seu surgimento na década de 80, a pesquisa de socialização da linguagem veio para "considerar aspectos do ambiente sociocultural das práticas comunicativas das crianças que foram deixados de fora dos estudos linguísticos, psicológicos e antropológicos" (*Ibid.*, p. 02). A partir de uma perspectiva etnográfica, os pesquisadores da socialização da linguagem viajaram a diversas sociedades ao redor do mundo para documentar como as crianças, diante da aquisição da linguagem, se tornam tipos de falantes e membros de uma sociedade, comunidade. Décadas depois, estudiosos têm expandido os estudos de socialização da linguagem em meio a palestras e cursos em diversas áreas do conhecimento, o campo se expandiu para incluir a socialização como segundo idioma.

A socialização da linguagem começa no momento em que "Membros da comunidade reconhecem que uma pessoa passa a existir e continua ao longo do curso de vida até que ela seja vista como não mais um ser social vivo" (*Ibid.*, p. 03). Distintamente local e situada, a socialização da linguagem é uma teoria, e esta teoria não tem atividade de sujeito que tenha alguma atividade, que seja real ou imaginário. O processo de socialização é informal e educativo no dia a dia das pessoas, como as crianças amazônicas, uma vez que elas produzem sociabilidades a partir de relações sociais estabelecidas com seus pares e com adultos, efetuando trocas materiais e simbólicas essenciais à reprodução da cultura regional.

As brincadeiras são modelos de socialização, e nessa socialização, por meio das brincadeiras, está a socialização da linguagem. Por este motivo, há a necessidade de ter pesquisas que observem não apenas a socialização cultural de modo geral, mas também a urgência de pesquisas que possam apresentar os aspectos da socialização da linguagem que ocorre no percurso da aquisição da linguagem entre os quilombolas.

Essa necessidade leva em consideração que há no Brasil as escolas quilombolas. Segundo o Censo da Educação Básica 2020, são 2.526 escolas quilombolas em todo o território nacional; além de que são 51.252 docentes que atuam em escolas quilombolas; são ainda 275.132 matrículas de estudantes em escolas quilombolas em todo o país (IBGE, 2020). As escolas que não são estritamente quilombolas precisam conhecer melhor a questão da linguagem e da socialização, uma vez que recebem crianças quilombolas. Embora esse público fale português fluentemente, a socialização da linguagem entre eles pode apresentar

aspectos que se distinguem da cultura hegemônica, ou seja, da cultura dos brancos e outras comunidades tradicionais.

A socialização da linguagem surge na década de 90, mas que nos últimos anos os estudos em aquisição da linguagem também foram se modificando, a título dos estudiosos que se amparam nas reflexões filosóficas de Bakhtin para investigar o discurso da criança em processo de aquisição da linguagem. Isto significa que as reflexões dos estudos em aquisição que se orientam pela filosofia de Bakhtin vão ao encontro da teoria da socialização da linguagem, e é sobre isto que discorreremos a seguir.

## 2.2 Reflexões sobre o processo de aquisição da linguagem: aquisição dialógico-discursiva da linguagem como lente teórica para analisar interações entre e com crianças

Através dos estudos da filosofia de Bakhtin, Del Ré situa a aquisição da linguagem se trata de observar o período de aquisição pela criança, a partir de fenômenos linguístico-discursivos. Os estudos em Aquisição de Linguagem que partem das reflexões do Círculo de Bakhtin consideram a criança como sujeito que enuncia; e no Brasil as pesquisas que seguem essa vertente teórica de cunho filosófico ganham força com as investigações de Alessandra Del Ré (2014) e pesquisadores de seu grupo de estudo Grupo de Estudos em Aquisição da Linguagem (Gealin) e NaLíngua da Unesp de Araraquara.

Os estudos dialógicos servem de base para observar a entrada da criança na linguagem, e Del Ré (2021), discorre sobre: "a linguista brasileira Leda Verdiani Tfouni (1997) ressalta o ineditismo e a relevância de um estudo que considere a entrada da criança no discurso para compreender como ela se desenvolve de modo geral" (Del Ré, 2021, p. 15). Aqui se discute a relação que a criança vai ter com o adulto que interpreta e interage com a criança, participando ativamente da construção identitária.

As pesquisas desenvolvidas por Del Ré e o Grupo de Estudos em Aquisição da Linguagem partem de dois princípios:

- i) há uma inescapável relação entre linguagem e cultura, por isso entender a forma como a linguagem nos constitui como sujeitos é fundamental para a compreensão do funcionamento da linguagem; e ii) que a nossa relação com a linguagem é dialética: nós a constituímos e somos constituídos por ela, e é nesse jogo que o sujeito se torna singular, único (*Ibid.*, p.17).

A partir dessas considerações, é visto que há uma concepção que busca compreender o funcionamento linguageiro a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos. Sendo assim,

do ponto de vista bakhtiniano, todas as manifestações que tenham intermédio do homem constituem-se como linguagem.

A constituição do sujeito não é considerada por si só individual, e sim em conjunto a partir de outros sujeitos, não é algo individual e autônomo; trata-se de uma relação que se estabelece pela linguagem em que os sujeitos estão envolvidos pelo discurso, em cultura ou em palavras já proferidas. Esta palavra que constitui o sujeito vai complementar a sua identidade, sua subjetividade, logo, o sujeito é ativo e responsivo, e por isso: "toda palavra é fruto de um movimento dialógico que retoma outras palavras" (*Ibid.*, p. 26).

Nesse sentido, é por meio da interação discursiva que os sujeitos se constituem. Na visão da Teoria Dialógica da Linguagem, há inúmeras experiências de comunicação social entre os homens. Este pensamento nos recruta a uma concepção de língua que se baseia em espaços de interação discursiva. É, neste sentido, que esta pesquisa se afirma na perspectiva da interação oriunda da interação discursiva do Círculo de Bakhtin.

A língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano. Para separar de modo abstrato a língua do seu conteúdo ideológico ou cotidiano, também seria necessária uma orientação específica, não condicionada pelos objetivos da consciência falante. (Volóchinov; Valentin, 2018, p. 181).

Nesse viés, é pelo processo de interação que podemos compreender as particularidades da língua viva. O sentido de um texto, por exemplo, é construído na interação entre texto/sujeito. No âmbito das interações sociais, o Círculo nos apresenta os usos da linguagem humana associados a formas socialmente determinadas que ordenam a comunicação em diferentes campos de atuação discursiva.

Ainda nessa discussão de sujeito e enunciados, do ponto de vista bakhtiniano, nos estudos de Del Ré (2021), todo enunciado é resposta de um enunciado anterior. "Não há sujeito passivo frente ao enunciado, mas ativo responsivamente" (*Ibid.*, p. 25). Assim como é considerado conceitos de: subjetividade, singularidade e identidade, tendo como grande importância para os estudos de aquisição da linguagem, logo, Del Ré (2021), nomeia subjetividade como conjunto de experiências discursivas que formam o sujeito; a singularidade relacionada ao ato de enunciar, levando em consideração que cada enunciado só mantém compreensão a partir da sua relação com espaço/tempo, não havendo enunciado que seja fixo e estável.

De acordo com a teórica, acreditamos, assim, que a criança entra na língua por meio de gêneros discursivos em circulação nos meios sociais dos quais participa. A interação entre

crianças e adultos se dá por meio de gêneros primários, considerados como diálogos cotidianos. A partir do momento em que a criança vai interagindo com o mundo e com seus pares (pais, avós, outras crianças, professores, cuidadores de modo geral), ela é envolvida em diversas atividades. Essas atividades são organizadas em gêneros discursivos, desde os pequenos diálogos iniciais em que a criança ainda não fala e tem sua fala enunciada por um adulto e segue por toda a vida porque estamos envolvidos em práticas discursivas, e essas práticas ocorrem por meio dos gêneros discursivos (conversas gerais, brincadeiras, cantos populares).

Os jogos (como qualquer outra prática languageira) estão organizados e se estruturam em gêneros discursivos que ampliam o aprendizado das crianças, ou seja: por meio da brincadeira. Assim, vários papéis discursivos podem ser desempenhados por essas crianças até chegar à escrita e ter acesso aos gêneros secundários. Em todas essas relações, estão presentes o papel do outro na aquisição da linguagem, criando assim um espaço discursivo em que a cultura é colocada à disposição nas palavras, interações e gestos.

No que diz respeito aos jogos no percurso de aquisição da linguagem de crianças quilombolas, Toutonge e Pereira (2024), no artigo "Se as crianças da cidade viessem aqui no sítio, ia mostrar como correr na floresta - um estudo com e sobre Crianças Quilombolas e Aprendizados fora da escola", apresentam dados sobre o brincar em que as crianças constroem modos específicos de sociabilidade; essas brincadeiras constituem processos culturalmente construídos e estão associados à educação. Maia e Silva (2023) também destacam processos educativos através das brincadeiras. As autoras mencionam os conhecimentos que tem sobre aspectos históricos e que conhecimentos sobre a natureza são apreendidos nos processos educativos que ocorrem nas brincadeiras na comunidade. Por fim, Peres e Carvalho (2018), analisam os saberes da cultura quilombola e têm em mente que é a partir do brincar que se constroem na coletividade e se ressignifica o universo em que as crianças vivem.

As narrativas mencionadas nestes trabalhos, como o brincar, são compostas por gêneros discursivos que vão desde o diálogo simples até cantigas de roda; desenhos, narrativas, piadas que estão presentes na Aquisição da Linguagem dessas crianças quilombolas e é uma interessante investigação que olha mais de perto essas manifestações linguísticas. Ainda em Peres (2018), é mencionado que o brincar e as brincadeiras são aspectos fundamentais para o processo de socialização e vivência da infância singular dos quilombos em que fizeram suas pesquisas.

Ademais, o brincar está relacionado aos gêneros do discurso. Não recuperamos nenhum trabalho específico sobre aquisição/socialização da linguagem por crianças quilombolas; consideramos analisar as práticas languageiras presentes no brincar desses sujeitos por meio de pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento. Esta escolha requereu um passo para trás visando elucidar a relevância de investigar a aquisição da linguagem nos quilombos. Com o intuito de situar os leitores em como analisamos e expomos nossa pesquisa, no ponto a seguir será apresentado o percurso metodológico.

### 3. METODOLOGIA

Diante do objetivo geral deste trabalho, mapear e sintetizar os estudos sobre essa socialização da linguagem de crianças quilombolas, observando padrões, lacunas e direcionamentos para futuras pesquisas, aqui teremos a seção de métodos, que está organizada da seguinte forma: o método e as estratégias em que discorreremos nossos passos diante da pesquisa; em quais plataformas buscamos os trabalhos; quantos trabalhos foram selecionados; quais áreas fizeram parte desse nosso refinamento e do ponto de vista classificatório em que nossa pesquisa se encaixa, como pesquisa exploratória de levantamento bibliográfico e de abordagem qualitativa.

#### 3.1. O método e as estratégias de pesquisa

No que tange ao tipo de pesquisa desta revisão sistemática de literatura do ponto de vista dos seus objetivos, apoiado no que propõem Prodanov e Freitas (2013), este trabalho se classifica como pesquisa exploratória tendo como enfoque levantamento bibliográfico, e do ponto de vista da abordagem do problema desta revisão, se classifica como pesquisa qualitativa. Os dados coletados foram submetidos à análise descritiva para caracterizar as práticas familiares, os aspectos socioeconômicos, o desempenho linguístico e cognitivo, a cultura de forma geral e os povos quilombolas.

As bases nas quais realizamos as buscas foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o Google Acadêmico. Já os termos iniciais foram “identidade quilombola”, “socialização e crianças quilombolas”, “interação e crianças quilombolas”, “aquisição da linguagem e crianças quilombolas”.

No entanto, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com as referidas combinações "identidade quilombola" e "socialização e crianças quilombolas", nós encontramos um total de 174 trabalhos. Após um refinamento, em que utilizamos critérios de exclusão e inclusão, ficamos com 8 trabalhos. Embora a Revisão Sistemática de Literatura priorize artigos científicos, decidimos olhar a produção acadêmica de teses e dissertações para tentar ampliar o *corpus* por meio das buscas cruzadas (observando as referências citadas nas teses e dissertações), assim como investigar se esses trabalhos em versão maior já tinham sido publicados em formato de artigo. Essa investigação foi feita visitando os currículos dos pesquisadores na Plataforma Lattes. Já no Google Acadêmico, recuperamos 412 trabalhos.

A base de refinamentos foi feita a partir de critérios de inclusão e exclusão, sendo estes de inclusão: 1) artigos revisados por pares; 2) artigos das áreas de Linguística, Educação, Antropologia, Psicologia; 3) pesquisas realizadas no âmbito de algum quilombo no Brasil; 4) pesquisas que observem a interação adulto-criança; Para exclusão, utilizamos os seguintes critérios: 1) Artigos repetidos; 2) livros; 3) artigos em inglês; 4) artigos em espanhol; 5) anais de congresso; 6) trabalhos não disponibilizados na íntegra; 7) trabalhos de conclusão de curso; 8) artigos de revisão de literatura; 9) pesquisas que não foram realizadas no quilombo; 10) pesquisas realizadas em escolas não quilombolas; 11) trabalhos escritos cujos sujeitos de pesquisa não são brasileiros; 12) ensaios fotográficos realizados por antropólogos. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nós usamos critérios de exclusão de trabalhos cuja temática não se relacione com a infância e linguagem, com isso obtivemos 166 teses, mas após o refinamento, constatamos apenas 8 trabalhos.

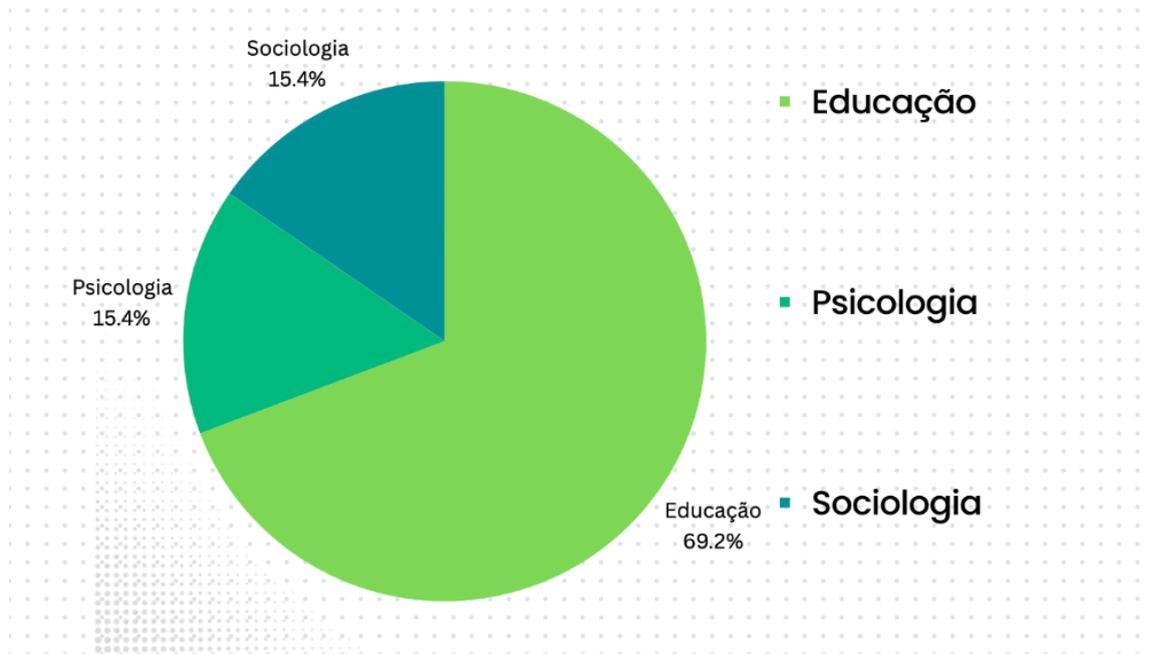
Com a aplicação dos critérios de refinamento, elegemos 13 trabalhos para a constituição do *corpus*. O Quadro a seguir apresenta a reunião desses trabalhos, apresentando o código do artigo, título, autoria e dados de publicação:

#### Quadro 01 – Detalhamento dos artigos e codificação

Código	Título do artigo	Autores	Dados de publicação
A1	As pluralidades do ser criança no quilombo mato do tição-mg	Santana	Revista da ABPN • v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência. Janeiro de 2018, p.66-87
A2	A lúdica negra na Amazônia Bragantina: as brincadeiras dançantes das crianças do quilombo.	Andrade e Santos	Em Aberto, Brasília, v. 34, n. 110, p. 99-112, jan./abr. 2021
A3	Processos de socialização no quilombo toca de santa cruz do município de paulo lopes (sc): “eu não sou da igreja, eu sou do terreiro”	Botega e Lima	Revista grifos - n. 41 - 2016
A4	Saberes que vêm das águas: O brincar da criança quilombola da comunidade São Sebastião/PA	Cunha	Revista Cocar. Edição Especial. N.25/2024 p.1-19 ISSN: 2237-0315
A5	Narrativas sobre a natureza na voz de crianças quilombolas da Ilha de Marajó	Maia e Silva	Revista Cocar. V.19 N.37 / 2023. p. 1-15 ISSN: 2237-0315

A6	Os saberes e fazeres das crianças quilombolas marajoara-salvaterra-pará	Peres e Carvalho	Cadernos de Pós-graduação, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 99-119, jul./dez. 2018.
A7	Infância e saberes quilombolas: participação das crianças e cultura lúdica no quilombo de Ariquipá – MA	Silva, Ferreira, Madeira e Dutra	Revista desidades. Temas em destaque, 2022. <a href="https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46295">https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46295</a>
A8	O brincar em comunidades quilombolas e as possibilidades de práticas curriculares	Sousa e Santos	Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, lapesam/gisrea/ufam/cnpq/edua –issn 1983-3423 – impressa – issn 2318 – 8766 – cdroom – issn 2358-1468 - digital on line Vol 17, Núm1, jan-jun, 2024, pág. 433 – 446. 2024.
A9	Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense.	Souza	Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 3 - 2017
A10	O brincar de crianças residentes em contextos rurais na amazônia paraense	Toutonge Temb e Sousa	Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense Educação em Revista, Marília, v.24, n. 01, p. 51-68, 2023.
A11	Se as crianças da cidade viessem aqui no sítio, ia mostrar como correr na floresta - um estudo com e sobre Crianças Quilombolas e Aprendizados fora da escola	Toutonge	Revista humanidades e inovação, v.7, n. 28, 2020
A12	“A perspectiva das crianças”: corpo e território na identidade quilombola infantil	Toutonge, Pereira e Pereira	Revista Cocar. Edição Especial. n.25/2024 p.1-19 issn: 2237-0315. 2024.
A13	“Como é bom brincar, cafuringar”: transmissão intergeracional e apropriação do território pelas crianças quilombolas	Pérez e Souza	Revista desidades. Temas em destaque, <a href="https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46737">https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46737</a> . 2022.

**Fonte: Elaboração própria (2024).**

**Gráfico 01 – Detalhamento dos artigos quanto às áreas do conhecimento**

**Fonte: Elaboração própria (2024).**

No gráfico acima, temos as únicas áreas de conhecimento em que se encontram os dados da referente pesquisa, sendo estas áreas a psicologia, a sociologia e grande parte na área de educação. Vale ressaltar um dado significativo: o *corpus* constituído para esta revisão sistemática de literatura não indicou nenhum trabalho sobre a temática realizado na área da Linguística.

Nessa visão, há a necessidade de investigações sobre a aquisição da linguagem, com trabalhos na área da Linguística para que se entenda os modos de ser das crianças quilombolas, visualizando a participação em brincadeiras, atividades lúdicas, educativas e políticas. É por meio dessas interações que é possível perceber a inserção das crianças na dinamicidade e complexidade da vida social na escola. Assim como seus processos de constituição de uma identidade quilombola e negra, sua atuação na preservação das tradições da comunidade e suas percepções sobre a discriminação racial.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O objetivo geral é mapear e sintetizar os estudos sobre essa socialização da linguagem de crianças quilombolas, observando padrões, lacunas e direcionamentos para futuras pesquisas. Para tanto, as análises e discussões estão organizadas da seguinte maneira: no ponto 4.1, apresentamos uma descrição do *corpus* quanto aos aspectos teórico-metodológicos; na sequência, o tópico 4.2, iremos expor uma análise sobre as recorrências dos gêneros discursivos presentes nas interações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares em contextos formais e não formais.

##### 4.1. Aspectos teórico-metodológicos do corpus

Nesta seção, apresentaremos um mapeamento dos aspectos teóricos e metodológicos do *corpus*. Para iniciar, o quadro, a seguir, mostra o detalhamento as metodologias, técnicas e instrumentos de pesquisa dos artigos recuperados:

**Quadro 02 – Detalhamento das metodologias, técnicas e instrumentos de pesquisa dos artigos recuperados**

<b>Código</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>Técnica de pesquisa, Instrumento de pesquisa</b>
<b>A1</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Desenhos para captar suas impressões sobre o Mato do Tição visando à percepção das crianças sobre o lugar em que vivem
<b>A2</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Anotações para a descrição interpretativa da dança do carimbó, com vistas a coligir e posteriormente sistematizar as informações de campo.
<b>A3</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Cartografia representando processos de resistência, na medida em que paisagens psicossociais são cartografáveis.
<b>A4</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Entrevistas individuais com crianças
<b>A5</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Caderno viajante sendo utilizado de um município a outro para estabelecer um nível de interação, devido a pandemia de COVID-19, com os registros pessoais das crianças
<b>A6</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Entrevistas individuais com crianças para retratar a troca de saberes, sobretudo, pela vivência e/ou encontro de gerações.
<b>A7</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Contaçõ de história através dos adultos para as crianças

<b>A8</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Entrevistas semiestruturada
<b>A9</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Desenhos sobre a história ouvidas dos adultos
<b>A10</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Registros fotográficos dos fazeres cotidianos das crianças e realizadas rodas de conversa para a escuta das mesmas
<b>A11</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Entrevistas em grupo com docentes, gestores e responsáveis de crianças/adolescentes, buscando conteúdos sobre os brincades
<b>A12</b>	Qualitativa, do tipo etnográfica	Entrevistas com as crianças a partir de suas vivências infantis, além da circulação nos espaços da natureza
<b>A13</b>	Pesquisa-intervenção	Oficinas com 30 crianças e jovens e 8 entrevistas semiestruturadas com os mais velhos da comunidade, além da observação do brincar livre.

**Fonte: Elaboração própria (2024).**

Tais pesquisas se dividiram quanto aos métodos, do ponto de vista da abordagem, a maioria dos trabalhos são classificados como qualitativos etnográficos, exceto Pérez e Souza (2022), pois escolheram uma pesquisa de base interventiva; pesquisa essa que produz conhecimento a partir de uma atuação realizada com conjuntos de pessoas. Esses instrumentos escolhidos dão espaço para captar as vozes das crianças, tendo em vista que a voz das crianças traduzem, afirmam e recriam formas culturais por meio da linguagem, aliás, elas expressam pela oralidade todo o conhecimento e sabedoria que aprendem desde cedo no cotidiano da comunidade quilombola.

Nesse sentido de ouvir as crianças, foram exploradas múltiplas linguagens e os seus pontos de vista, além do mais, pesquisadores apontam que a observação participante é de suma importância, como relata Peres (2018, p. 106), "pois o tempo que estivemos com elas propiciou o envolvimento e confiança delas no sentido de permitir que vivenciássemos o seu cotidiano, partilhando de suas experiências". As técnicas e instrumentos utilizados foram divididas entre: 1) Entrevistas individuais e coletivas; 2) desenhos para ilustrar vivências; 3) registros fotográficos que captavam o brincar como uma linguagem que expressa modos de pensar, sentir, ser e de estar no mundo das crianças quilombolas; 4) contação de histórias sinalizando a relevância de tais histórias contadas na organização social do grupo, bem como na construção dos pertencimentos identitários; 5) cartografia tomado aqui a partir de suas linhas e relevos geográficos e seus aspectos históricos, sociais e étnico-políticos do território quilombola; 6) anotações sobre a observação da dança do carimbó brincado de forma livre,

alegre e fazendo parte da formação humana das crianças, e por fim, 7) caderno viajante, que devido à pandemia o contato presencial com a comunidade foi restrito e a utilização do caderno viajante possibilitou o contato com as crianças para realização das atividades que continham suas narrativas.

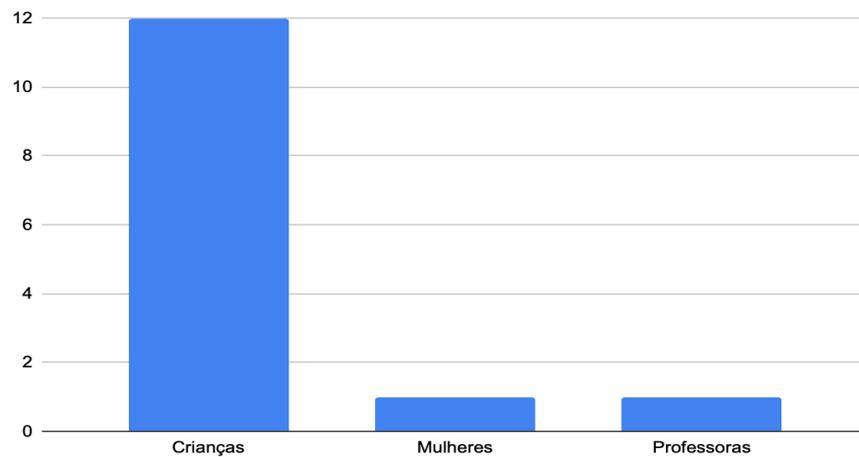
O diário de campo, explorado por Botega (2016), permitiu que o estudo fosse registrado através até mesmo dos mapas cartográficos fazendo com que a cartografia do quilombo representasse os processos de resistência "articular uma cartografia a partir da genealogia desse território, tomado aqui a partir de suas linhas e relevos geográficos e seus aspectos históricos, sociais e étnico-políticos" (Botega, 2016, p. 98). Os trabalhos envolvem genealogia e geografia na comunidade e é fundamental para potencializar os processos identitários quilombolas, esse foi o porquê de o autor utilizar os registros cartográficos: para acessar a ancestralidade desconsiderada dos registros oficiais.

A cartografia foi vista a partir do quilombo como forma de resistência, na medida em que paisagens psicossociais são cartografáveis. "O mapeamento cartográfico dos quilombos representa linhas e relevos de territórios que dizem do pertencimento étnico-racial de inúmeras famílias, homens, mulheres e crianças" (*Ibid.*, p. 106). Os processos de socialização, nos quilombos, carregam traços de uma geografia e de uma genealogia que ali habitam.

Quanto às teorias usadas, alguns artigos discorrem sobre identidades, vivências e possibilidades das crianças quilombolas em determinadas regiões, assim como algumas pesquisas centram-se nos estudos sociais da infância, em diálogo com a sociologia da infância, a história da infância e a antropologia da criança. O brincar tem sido visto dentro destas teorias como forma de ser uma atividade essencial na infância.

Dos 14 trabalhos refinados e selecionados para compor esta pesquisa, 13 deles possuem sujeitos do tipo crianças e mulheres, mas a recorrência maior é a classe das crianças, e isso se explica pelo método observado para socialização: o brincar, as brincadeiras. As brincadeiras facilitam o processo de interação entre crianças e adultos sendo expressão e construção de identidade, sendo visto também como atividade fundamental à cultura infantil, resultando em interações que seguem em paralelo com processos de aprendizagem.

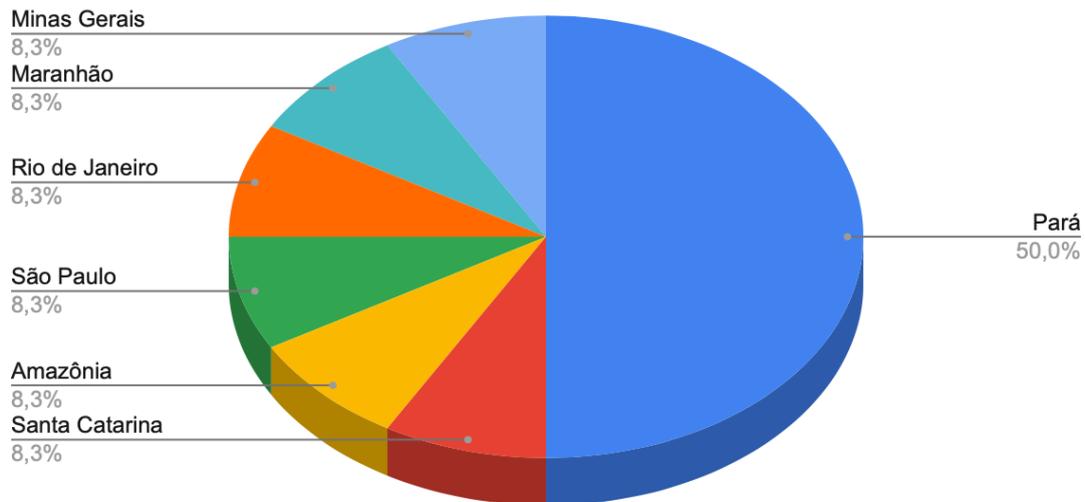
## **Gráfico 02 – Detalhamento dos artigos quanto aos sujeitos de pesquisa dos artigos recuperados**



**Fonte: Elaboração própria (2024).**

Alguns territórios são crianceiros, reveladores de culturas da infância quilombola por ritmos, movências e fazeres próprios. A participação desses sujeitos nas seguintes pesquisas em que muitas dialogaram e colaboraram para que o estudo acontecesse, relataram suas experiências em torno da identidade e da relação com o território quilombola. Então, os trabalhos com crianças, sejam em contexto urbano, sejam no rural, impulsionaram os pesquisadores a entender as compreensões sobre diferentes aspectos. Foi focado nas narrativas e interações acerca do meio natural, na comunidade quilombola; as narrativas das crianças quilombolas e o que elas fazem em relação aos saberes da natureza, a partir de suas próprias práticas na comunidade, são aspectos que despertam o interesse em conhecer, contar e interpretar um pouco das suas vivências.

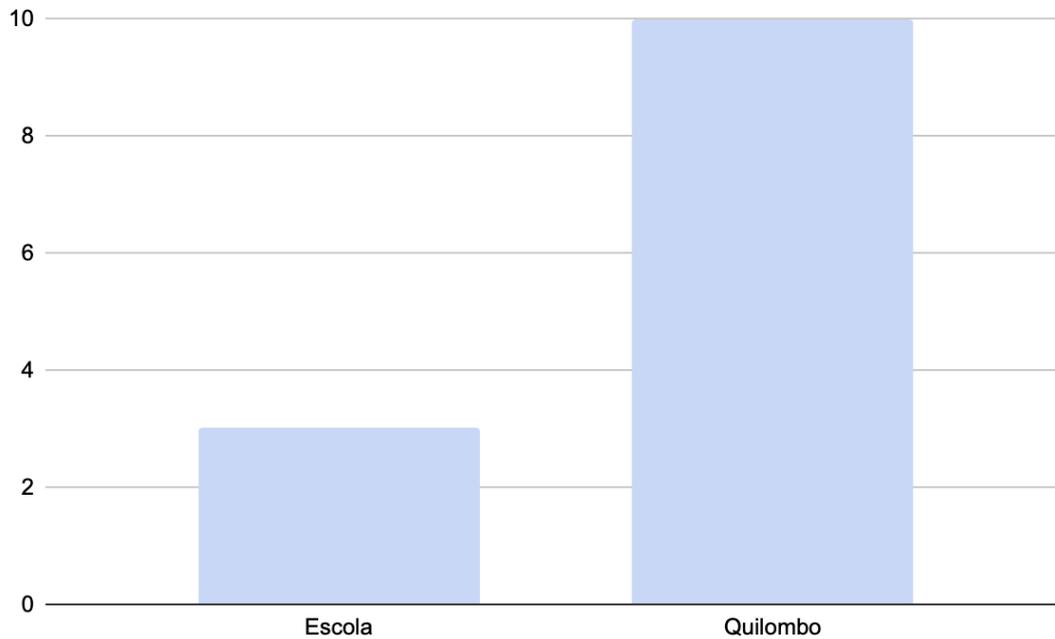
**Gráfico 03 - Campo de pesquisa**



**Fonte: Elaboração própria (2024).**

Majoritariamente, as pesquisas foram produzidas no estado do Pará. O gráfico 04 demonstra os campos de pesquisa dos trabalhos recuperados. Além do estado citado, os trabalhos foram também realizados em Minas Gerais, Maranhão, Santa Catarina, Amazônia, Rio de Janeiro e São Paulo. O destaque foi o estado do Pará, com uma representatividade significativa de pesquisas.

Através do Censo (2022), temos a distribuição da população quilombola dentro e fora dos territórios quilombolas do mesmo ano. Assim, podemos compreender esses dados e perceber que para os dados do IBGE, o Pará é o único estado no Brasil em que há o maior número de quilombolas morando em território originário; em segundo lugar está o Maranhão e em terceiro a Bahia. Logo, existem sim muitos quilombolas no país, mas estes moram fora de territórios quilombolas. Isso se explica por que temos em nossa pesquisa tantos trabalhos mapeados, tantos trabalhos em que se utilizaram do estado do Pará para efetivarem seus estudos.

**Gráfico 04 – Detalhamento dos artigos quanto aos locais de pesquisa**

**Fonte: Elaboração própria (2024).**

As pesquisas foram realizadas entre o quilombo e a escola. Pode-se afirmar que alguns trabalhos explanaram que alguns territórios quilombolas possuíam apenas um ambiente escolar. No dado a seguir, explica-se o porquê de os locais de pesquisa serem o quilombo e não a escola: há pesquisas que foram feitas nas escolas sim, mas dentro da comunidade quilombola, nem todas comportam instituições de ensino, então as escolas mencionadas nas pesquisas comportam crianças quilombolas, mas fora do quilombo.

No geral, a escolha dos pesquisadores pelo espaço da escola se dá no momento em que optam por apresentar uma educação que pretende romper com a tradicional valorização do saber científico presente na escola, e se passa a considerar saberes significativos para o cotidiano dos sujeitos, pois se alinham com a realidade e valorizam seus modos de pensar, fazer e viver, e se constituem enquanto práticas educativas para além da escola.

Santana (2018) menciona um dado importante com relação à escola:

Outros direitos como verba especial para o município que tem estudantes quilombolas nas escolas, direito a uma educação diferenciada ancorada em princípios que valorizam e incorporam no currículo a história e cultura quilombola e afro-brasileira ainda não são do conhecimento da maioria dos moradores (p. 75).

Essa verba faz muito sentido quando se tem estudantes/crianças de origem quilombola nas escolas, pois a questão do pertencimento ao quilombo e os processos de afirmação de identidade presentes em suas vidas e na comunidade, permitem aos estudantes quilombolas que elaborem estratégias de reação às situações de preconceito vivenciadas por elas nas próprias escolas.

#### 4.2. Análise sobre as recorrências dos gêneros discursivos presentes nas interações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares em contextos formais e não formais

Todos os enunciados constituem-se a partir de outros. São enunciados do passado que constituem os do presente e assim os do futuro, norteando os enunciados que falam dos objetivos do momento atual. Um segundo conceito de dialogismo também fundante é o de Fiorin (2008), que nos apresenta maneiras externas, mas visíveis de mostrar outras vozes no discurso. “[...] Bakhtin chama concepção estreita de dialogismo”, (p. 33). Com esse intuito, é uma forma bakhtiniana de expor que há maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado: a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama de discurso objetivado; e b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado (*Ibid.*, p. 33).

Portanto, estas duas formas de discurso ainda pontuam algumas características mencionadas pelo autor, nos quesitos: a) existem os procedimentos: discurso direto, discurso indireto, aspas e negação; e b) podemos exemplificar segundo a paródia, a estilização, a polêmica clara ou velada e o discurso indireto livre.

A definição de linguagem, para o Círculo de Bakhtin, foi concebida a partir da noção de criação ideológica. Essa discussão sobre o que se define como linguagem parte de uma reflexão filosófica, considerando o ser, o eu e o outro, o existir humano. Ademais, o que prega o Círculo é nunca separar a relação entre linguagem e sociedade. Nesse âmbito, as necessidades comunicativas estão intrinsecamente ligadas às atividades humanas coletivas. O verbal e o não verbal se juntam no processo de interação. Sendo assim, na perspectiva dialógica, não há como isolarmos os elementos linguísticos, intitulando-os como, unicamente, responsáveis pela linguagem.

Além disso, algumas possibilidades de comunicação, feitas por nós, humanos, são associadas à definição de linguagem: o gesto da mão, o olhar, o silêncio, a própria língua, nos dá formas de comunicação para com o outro. Isto é: processos de comunicação que provam

que apenas a língua não pode ser elemento unicamente principal da linguagem. É importante destacar que é pela comunicação social que a linguagem vai auxiliar, guiar o outro e tanto o falante quanto o ouvinte são conscientes da enunciação e participam de modo que suas posições sejam interdependentes.

Para Volóchinov (2018), a linguagem interior quanto mais se aproxima da expressão exterior, mais completa, mais difícil se torna a situação social, no que diz respeito às manifestações de linguagens, ou seja, como o outro vai contestar/interagir. Nessa razão, a linguagem vai além do código linguístico, como já foi dito, atinge outros meios de expressão: a linguagem das mãos, as entonações, a língua.

Para Del Ré (2021), seus estudos partem de

[...] uma concepção que busca compreender o funcionamento languageiro a partir das relações empreendidas entre sujeitos, em determinados contextos discursivos, analisando a linguagem da criança não por um viés biológico e/ou psicológico. (p. 17).

Percebe-se, então, que é a partir da relação da linguagem da criança com os aspectos socioculturais e ideológicos que influenciam suas escolhas linguístico-discursivas. Vale destacar que Bakhtin e o Círculo não trataram do processo de aquisição de linguagem, mas seus estudos vão de encontro com aspectos teóricos e metodológicos, fazendo assim a compreensão de que forma a criança entra na língua da sua sociedade. Para compreender o processo de aquisição da linguagem, é importante observar o diálogo face a face realizado pela criança e o outro.

*Os principais resultados abordam a socialização; as práticas de socialização que atuam sob relações intra-geracionais, de modo que os processos simbolizados pelas cerimônias, bem como as vestes e os adereços ali partilhados, incidem como um complexo processo social que inscreve os sujeitos que ali estão, em que vestes e adereços não passam de uma forma de linguagem. Os rituais também são muito presentes quando se trata da participação de mulheres, fortalecendo suas relações de mútua interdependência.*

Foram diversas as brincadeiras encontradas nos referidos trabalhos, porém algumas se repetiram, como por exemplo o brincar com e nas águas dos rios. Estas brincadeiras permitem que as crianças tenham uma experiência de vida e tenham uma relação viva com as concepções de mundo e lembranças na memória do seu povo. Cunha (2024) menciona que o brincar é "como atividade fundamental da cultura infantil e que se fortifica através das interações sociais em sua comunidade" (p.02). Estas interações seguem em paralelo com os

processos de aprendizagem que se ocasionam a partir das suas vivências em comunidade. Em diálogo com a relação do rio, o teórico explica que a infância amazônica faz com que o rio e a floresta sejam componentes fundamentais dos seus brincarões, sendo essa interação com a natureza uma manifestação da cultura das comunidades quilombolas.

*A dança do Carimbó* pode ser considerada como uma forma de brincadeira. Os pesquisadores nomeiam como um momento de lazer. Andrade (2021) se refere à dança como "brincadeira dançante do carimbó". Essas danças se fragmentavam em: a) o lundum, dança dos cabanos; b) o samba, dança de terreiros; e c) o marambiré, dança dos quilombos. De forma popular, há as brincadeiras que as crianças praticam, como os jogos, os brinquedos e as práticas corporais que compõem, em grande parte, o fazer cotidiano das crianças, como o futebol, as piras, o banho de igarapés, as danças, a capoeira, o subir em árvores, entre outros.

Peres (2018), nesse viés, relatou em sua pesquisa que as brincadeiras utilizadas se baseiam na posição das árvores, e as crianças brincam de jogar futebol, usar elementos da natureza para compor as brincadeiras e fazem da maré um local propício e divertido. O autor se utilizou da fala das crianças para ilustrar a pesquisa diante do cenário das brincadeiras, nos fazendo perceber que diante da fala das crianças o brincar sempre estava relacionado à diversão e ao prazer de estar com os amigos. "Demonstram, assim, que o brincar para elas é uma atividade prazerosa que se realiza na coletividade, isto é, que existente na co-dependência do outro" (p. 107).

Todos os trabalhos que tratam a brincadeira como uma modalidade de lazer mencionam a tamanha alegria das crianças que também brincam durante as festas. Santana (2018) menciona que as brincadeiras são exploradas até dentro de casa, aguardando as celebrações religiosas, nos intervalos das oficinas, aguardando o ônibus para a escola. As crianças costumavam a se dividir para decidir as regras do jogo, fazer brinquedos com cacos e objetos encontrados pelo caminho. A autora cita que as crianças estavam revestidas de um caráter fundamental para o seu processo de socialização e vivência de sua infância singular. Durante a permanência da autora em campo, foi possível observar grupos de meninas e meninos que possuíam muita autonomia para decidir a organização das brincadeiras e enfatizando que as crianças passam muito tempo sendo uma companhia da outra.

É no brincar que a criança apresenta a capacidade de se expressar e representar seu cotidiano. As brincadeiras culturais são representativas no que tange as características, a tradicionalidade e a transmissão oral se conectando com elementos culturais e sociais. É importante ressaltar que Sousa (2024) trouxe uma perspectiva de dentro da escola, remetendo a uma discussão sobre as práticas curriculares na educação básica.

Ademais, é necessário ouvir as crianças e compreender a diversidade de seus modos de ser. Esses modos de ser manifesta-se na participação em brincadeiras, atividades lúdicas, educativas e políticas. Participaram e observaram as crianças em suas movimentações e circulações pelo quilombo; suas participações nas festas, oficinas e eventos; suas interações com seus pares e com os adultos; suas inserções no mundo religioso; suas brincadeiras; realização das tarefas domésticas e seus momentos conflituosos.

A observação e análise através das brincadeiras foram primordiais diante dos gêneros discursivos utilizados para identificar a socialização dessas crianças. Já em outros trabalhos, podemos observar a lúdica negra das crianças que aparecem nas brincadeiras dançantes como o carimbó; são brincadeiras dançantes que constituem práticas culturais e artísticas manifestadas em sua corporeidade.

Outro ponto nos gêneros discursivos presentes nas interações são os processos de socialização transversalizados por processos outros, como oralidade, tradição, ancestralidade, relações de gênero, feminilidade, raça, pertencimento, movimentos da diáspora, de inventividade e resistências, os quais dizem como as mulheres vão se constituindo como negras e quilombolas assim como as interações entre mulheres e crianças. A partir da convivência com esse grupo familiar, observou-se a participação e a presença das crianças em distintos momentos vividos com as mulheres no espaço do quilombo e fora dele, como em festas, reuniões, manifestações, cerimônias religiosas.

*Os saberes que emergem no brincar no rio se fundamentam na convivência, as crianças demonstraram os saberes que fluem durante suas brincadeiras no rio, saberes esses disseminados em suas vivências culturais através da oralidade.* Há cinco saberes identificados no universo infantil das crianças quilombolas ao brincarem no rio, como, por exemplo: ludicidade, compartilhar, afetividade, cotidiano e ancestralidade.

Rodas de conversas, histórias contadas, criadas e estruturadas em situações de sociabilidade e interação fazem parte das técnicas de imersão no mundo das crianças. Houve também um caderno viajante, que consistiu em uma estratégia desenvolvida para facilitar o contato permanente com as crianças durante a pesquisa e estabelecer um meio de interação e comunicação para construção das atividades. A utilização do caderno viajante possibilitou o contato com as crianças para realização das atividades que continham suas narrativas.

Em outra pesquisa, Peres (2018), propôs um exercício de ouvir as narrativas das crianças, ao mesmo tempo em que a observação de suas vivências lúdicas foi considerada essencial para a coleta de dados. A vivência das crianças com os adultos propiciou o envolvimento e confiança delas no sentido de permitir que vivenciassem o seu cotidiano,

partilhando de suas experiências. Nas falas das crianças, o brincar está relacionado à diversão, ao lazer, ao prazer de estar com outras crianças, a jogar futebol, a jogar baralho. Demonstram, assim, que o brincar para elas é uma atividade prazerosa que se realiza na coletividade, isto é, que existente na co-dependência do outro.

A contação de histórias realizada por adultos para as crianças, o ato de contar uma história, além de ser uma atividade lúdica, amplia a imaginação, incentiva o gosto da criança pela leitura, ajuda na oralidade, contribui na formação da personalidade envolvendo o social e o afetivo. Contar histórias também é inserir a criança em uma cultura lúdica, a criança constrói a cultura imaginária brincando e ressignificando as interações. O quintal e o ramal, o rio ou o caminho são palcos do brincar-aprender com a natureza do lugar, onde os mundos infantis são experienciados, com isso é possível observar que há dedicação da família, da vizinha e das próprias crianças que se dedicam tempo interagindo.

Há também o rio como cenário de interações positivas entre os moradores e as crianças; a água está presente na formação da identidade nativa. De modo geral, adultos e crianças fazem uso do rio, as crianças fazem uso das pontes para interagir, conversar, vivenciando trocas, pedidos, empréstimos e informações. A partir dos brincares as crianças apreendem e interpretam o contexto vivido, o convívio com outros indivíduos e com a natureza. Um fato que vale a pena destacar é a atividade da apanhação do açáí sendo considerada uma arte que crianças experimentam brincando e, na maioria das vezes, torna-se uma prática incorporada como a atividade que ajuda a reproduzir a vida individual e a familiar, quando adultos.

### Quadro 03 - Gêneros discursivos presentes nas pesquisas

Gêneros discursivos
Carimbó
Brincadeiras praticadas no rio: pira-mãe, pira-ajuda, pira-pega, salto da ponte, arremesso de semente e corrida na água
Caderno viajante
Contação de histórias
Brincadeiras: jogo de bola, pira se esconde, carrinho de lata de óleo, brincar de casinha com boneca de garrafa de vidro, de comadre

Fonte: elaboração própria (2024).

Ochs e Schieffelin (1979) discorrem sobre os diversos gêneros discursivos e outras funções como orador, ouvinte, público, e diversas outras funções participantes em que contribuem para a criança em desenvolvimento aprenderem a expressar suas emoções e a se constituir. A socialização da linguagem orienta essas crianças para o mundo ao redor de forma que usam a linguagem e outros recursos semióticos para orientar tais crianças a perceberem e valorizarem certas atividades, pessoas, artefatos e características salientes e relevantes da ecologia natural.

a aquisição de línguas está simultaneamente associada a práticas de socialização de linguagem que constroem os novatos como certos tipos de pessoas organizadas situacionalmente, com certas emoções, entendimentos morais e crenças, que se engajam em certos tipos de atividades sociais e cognitivas (Ochs; Schieffelin, 1979, p. 16).

Portanto, o campo da antropologia linguística está repleto de estudos de formas de linguagem que indexam e evocam significados sociais, e estudos de socialização de linguagem evidenciam como os novatos e as crianças são atraídos por esses significados ao longo do curso de vida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi mapear e sintetizar os estudos sobre essa socialização da linguagem de crianças quilombolas, observando padrões, lacunas e direcionamentos para futuras pesquisas.

Para tanto, realizamos uma revisão de literatura em que observamos as principais formas de interação e socialização das crianças quilombolas em diversos ambientes por meio de familiares, da religiosidade e das práticas culturais, além de ter sido possível compreender a relação das crianças quilombolas com a natureza, as brincadeiras desenvolvidas conforme o ambiente, o aprendizado e as descobertas.

Os dados foram organizados de tal forma através de refinamentos em algumas plataformas que disponibilizam teses, dissertações e artigos, utilizando as combinações já mencionadas em seções acima. Em seguida, foram analisadas as formas de linguagem que as crianças utilizavam para interagir e entrarem na língua por meio de gêneros discursivos.

Os resultados dessa pesquisa revelaram que a socialização se faz por meio de diversas atividades conforme o ambiente em que as crianças se encontram, sendo possível perceber que os processos culturais e educativos do ser criança e do viver a infância em condições concretas são mediados por brincades e interações, socialmente construídos seja na escola, nas águas, no sítio, em qualquer ambiente que a criança vive.

Com relação às recorrências dos gêneros discursivos presentes nas interações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares em contextos formais e não formais, o *corpus* analisado indicou por meio das práticas cotidianas que se efetiva o brincar como parte do modo de vida infantil, pautado na proximidade entre crianças e destas com os adultos, na circulação e uso dos ambientes naturais e sociais da comunidade.

Diante dos achados desta revisão de literatura, traçamos uma agenda de pesquisa para futuros pesquisadores que desejem se debruçar sobre os dados gerados a partir da interação das díades adulto-criança e criança-criança pertencentes às culturas quilombolas do Brasil, essa agenda tem como exemplo as brincadeiras que fazem parte dos processos de subjetivação como quilombolas ao criar momentos de trocas, de aprendizado das tradições e saberes da comunidade, assim como de apropriação do território.

## REFERÊNCIAS

- ASSENÇO, A. M. C.; CARVALHO, A. B., DOMINGOS, T. T. **Perfil de linguagem de pré-escolares de uma comunidade quilombola**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/bKKcYwt8kW4GY6nW3wfTQ3m/#> Acesso em 07 nov. 2024.
- ANDRADE, S. S.; SANTOS, R. A. **A lúdica negra na Amazônia Bragantina: as brincadeiras dançantes das crianças do quilombo**. Em Aberto, Brasília, v. 34, n. 110, p. 99-112, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4591>. Acesso em 27 set. 2024.
- BOTEGA, G. P.; LIMA, P., M. **Processos de socialização no quilombo Toca de Santa Cruz, do município de Paulo Lopes (SC): “Eu não sou da igreja, eu sou do terreiro**. Revista grifos - n. 41 - 2016. Disponível em [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNOCHAPO-2\\_839b3f0dc1b39d2e3ea9e65c4d22e6dc](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNOCHAPO-2_839b3f0dc1b39d2e3ea9e65c4d22e6dc). Acesso em 07 agos. 2024
- CAMPOS, M. C.; GALLINARI, T. S. (2017). A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no brasil/Quilombola school education and quilombola schools in Brazil. In: **REVISTA NERA**, (35), 199–217. Disponível em <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i35.4894>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- CUNHA, T. N. R. **Saberes que vêm das águas: o brincar da criança quilombola da comunidade São Sebastião/PA**. Revista Cocar, [S. l.], n. 25, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9056>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- DERMEVAL, D.; COELHO, J. A. P. de M.; BITTENCOURT, Ig I. Mapeamento Sistemático e Revisão Sistemática da Literatura em Informática na Educação. In: JAQUES, Patrícia Augustin; SIQUEIRA; Sean; BITTENCOURT, Ig; PIMENTEL, Mariano. (Org.) **Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação: Abordagem Quantitativa**. Porto Alegre: SBC, 2020. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 2) Disponível em: <<https://metodologia.ceie-br.org/livro-2>>. Acesso em 07 nov. 2024.
- DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J. **A linguagem da criança na concepção dialógico-discursiva: retrospectiva e desafios teórico-metodológicos para o campo de Aquisição da Linguagem**. Revista de Estudos do Discurso. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48071/33493>. Acesso em 07 nov. 2024.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- GALVÃO; RICARTE. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. 2020. Artigo. **Revista logeion**. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>. Acesso em 07 nov. 2024.

LEITE, I. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas.** Etnográfica [Online], vol. 4 (2) | 2000, posto online no dia 17 agosto 2016, consultado o 02 abril 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.2769>. Acesso em 07 nov. 2024.

MAIA, T. C. V.; SILVA, C. A. F. **Narrativas sobre a natureza na voz de crianças quilombolas da Ilha de Marajó.** Revista Cocar, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7354>. Acesso em: 12 set. 2024.

MELO, R. S. **Quilombolas: história, memória e ficção.** 2023. Artigo. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980542X2023v290208>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/7SMXmcW3G6ZzmYdjKgrkks/?lang=pt#> Acesso: 1 abril 2024.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** Petrópolis: Vozes, 1980.

OCHS, E. SCHIEFFELIN, B. **O Manual de Socialização da Língua.** 1 ed. Editado por Alessandro Duranti, Elinor Ochs, Bambi. Publicado 2011 pela Blackwell Publishing Ltd.

PAIVA, V. N.; SANTOS, W. C. S.; COSTA, C. S. Pela Língua dissidente e por Corpos dançantes: Resistências De(s)coloniais do Quilombo dos Carrapatos. In: **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade.** V. 07, nº 01, jan.-abr., 2021, artigo nº 2173 | Disponível em: [claec.org/relacult](http://claec.org/relacult) | e-ISSN: 2525-7870.

PERES, E. R.; CARVALHO, N. C. **Os saberes e fazeres das crianças quilombolas Marajoara-Salvaterra-Pará.** Cadernos de Pós-graduação, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 99–119, 2018. DOI: 10.5585/cpg.v17n2.10315. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/10315>. Acesso em: 12 nov. 2024.

PÉREZ, B. C.; SOUZA, E, P. **“Como é bom brincar, cafuringar”: transmissão intergeracional e apropriação do território pelas crianças quilombolas.** Revista desidades. Temas em destaque, <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46737>. 2022.  
 PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Ebook.**

SANTANA, P. M. S. As pluralidades do ser criança no quilombo Mato do Tição-MG. **Revista da ABPN** • v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência • janeiro de 2018, p. 66-87.

SCHMITTI, T. e CARVALHO. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas.** 2022. Artigo. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2002000100008> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/3zsW4C3r6CFYcnx8sPSDrk/#> Acesso: 30 março. 2024.

SILVA, R. M. C.; FERREIRA, H. S. C.; MADEIRA, L. K. F.; DUTRA, R. M. M. **Infância e saberes quilombolas: participação das crianças e cultura lúdica no quilombo de Ariquipá – MA.** n. 32 (2022): Janeiro/Enero - Abril/Abril. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/46295>

SOUSA, N. M. F. R.; SANTOS, A. N. **O brincar em comunidades quilombolas e as possibilidades de práticas curriculares.** v. 17 n. 01 (2024): Dossiê Temático e Temas Livres. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/14059>

SOUZA, N. G.; TEMBÉ, L. O. S. TOUTONGE, E. C. P. **Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense.** Educação Em Revista, 24, e023003. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24n1.p51>

TOUTONGE, E. C. P.; **O brincar de crianças residentes em contextos rurais na Amazônia paraense.** Educação em Revista, Marília, v.24, n. 01, p. 51-68, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2091>. Acesso em 20 ago. 2024.

TOUTONGE, E. C.; P. PEREIRA, I. S. P.; PEREIRA, R. C. **Se as crianças da cidade viessem aqui no sítio, ia mostrar como correr na floresta - um estudo com e sobre Crianças Quilombolas e Aprendizados fora da escola.** Revista Cocar, [S. l.], n. 25, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9030>. Acesso em: 12 nov. 2024.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2018. 2 Edição. 376 p.